

A VARIAÇÃO ENTRE AS FORMAS *NÓS* E A *GENTE* NA VARIEDADE LINGUÍSTICA URBANA FEIRENSE

Luciene Paulo da Cruz¹; Norma Lúcia de Almeida Fernandes²

1. Luciene Paulo da Cruz PROBIC/UEFS, Graduando em Licenciatura em Letras Vernáculas, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: lucruz90@hotmail.com/lucruz90yahoo.com.br

2. Norma Lucia de Almeida Ferreira, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana
norma@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: formas pronominais nós e a gente, variação linguística, Feira de Santana.

INTRODUÇÃO

É inegável a existência de variedades linguísticas tanto na oralidade quanto na escrita. Essas variações levam a processos de mudança linguística. Certamente, as variedades fazem parte do sistema linguístico e, por certo, podem ocorrer por fatores linguísticos e sociais, pois as variações são condicionadas também por fatores sociais. É impossível desvincular os fatos de linguagem dos fatos sociais, dependendo do contexto é possível ocorrer variações. O sistema pronominal do português do Brasil foi estudado por vários estudiosos, entre eles Odete Pereira da Silva Menon. Dando continuidade aos estudos sociolinguísticos, analisamos amostras da língua popular feirenses, entrevistas com falantes cultos de Feira de Santana.

Esse estudo teve por finalidade analisar fatores que interferem, intensificando ou enfraquecendo, no uso das variantes pronominais “nós” e “a gente”. Os materiais coletados foram analisados na perspectiva da Sociolinguística Quantitativa ou Teoria da Variação Linguística, proposta por Labov (1972). Sabe-se da existência de variados estudos linguísticos, com destaque para a análise das existências alternadas de formas que a língua permite, ou seja, que são próprias da língua, as regras variáveis. A língua varia de acordo com o contexto do falante seja: histórico, social, étnico, geográfico, entre outros.

O aspecto analisado foi a variação entre as formas “nós” e “a gente” em posição de sujeito. O *corpus* analisado foi o do português culto falado em Feira de Santana. Sabemos que enquanto a primeira é gramaticalmente aceita, a segunda não recebe atenção nos livros didáticos, embora o uso de “a gente” seja uma realidade em todo território brasileiro. Infelizmente esse tipo de variação não é tratado pela Gramática Tradicional, pois a mesma não leva em conta a realidade linguística brasileira.

METODOLOGIA

Com base na metodologia da Teoria da Variação Linguística, foi realizada a coleta de dados. Essa proposta teórico-metodológica é, como afirma Faraco (2005, pág. 30), “*uma metodologia para apreender cientificamente, como parte do estudo da variação e*

da mudança da língua, os valores que uma comunidade atribui às diferentes variedades da língua”.

Foram utilizadas entrevistas transcritas de informantes cultos de Feira de Santana, realizadas por bolsistas da professora doutora Norma Lúcia Fernandes, atuando como pesquisadora do projeto, *A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano*. Esse projeto faz parte do NELPRU (Núcleo de Estudos de Língua Portuguesa Rural), sediado na UEFS, sob a responsabilidade da professora Norma Lúcia F. de Almeida.

As entrevistas foram feitas com 12 informantes. As entrevistas com os informantes foram feitas nos domicílios dos mesmos, as quais foram utilizadas neste trabalho, a fim de que analisemos a variação das formas pronominais “nós” e “a gente”.

Para análise do *corpus* foi utilizado apenas um fator linguístico e dois extralinguísticos. O fator linguístico foi o tipo de sujeito, Sujeito Nulo e Sujeito Pleno; e extralinguísticos: Faixa etária, faixa 1, faixa 2 e faixa 3; Sexo/gênero Masculino Feminino.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO

A língua escrita é bem diferente da língua falada, já que esta última é menos monitorada e nem apresenta muita obrigatoriedade com relação às normas gramaticais, por ser mais espontânea, natural. Dessa maneira, foram 219 dados analisados e o resultado geral apresentado foi de 31% da forma pronominal “nós” e 69% da outra forma pronominal “a gente”.

O total de ocorrências está colocado no quadro abaixo:

Total geral	Nós	A gente
	67/219	151/219
	31%	69%

Quadro1: Ocorrências Nós e A gente no português culto feirenses

O quadro acima deixa evidente que a forma pronominal “a gente”, apesar de não estar nas gramáticas normativas, é a mais utilizada entre as pessoas cultas feirenses.

Abaixo exponho resultado dos dados referentes ao sujeito Nulo e Pleno

Variável Nós/A gente	Quantidade	%	Peso relativo
Tipo de sujeito			
Sujeito Nulo	4/13	31%	.46
Sujeito Pleno	148/206	72%	.88

Tabela: Variação entre Nós e A gente de acordo com sujeito nulo/sujeito pleno. Aplicação ‘a gente’

Nessa tabela está claro que o sujeito pleno favorece bastante o uso do “a gente” em detrimento de “nós”. Isso pode ser explicado pelo fato de o pronome “a gente” usar morfologia de 3ª pessoa, sendo assim o falante usa-se o pronome para que a mensagem fique clara, que não haja confusão sobre quem é o sujeito, já essa morfologia não é

específica da primeira pessoa e sim da terceira. Já com o “nós” o uso de nulos é maior por conta da morfologia específica que já identifica, de cara, o sujeito.

Apresento abaixo os dados da variação “nós” e “a gente” de acordo a faixa etária.

Varição nós a gente Faixa etária	Quantidade	%	Peso relativo
Faixa 1, 20 a 30 anos	64/66	97%	.091
Faixa 2, 40 a 59 anos	19/32	59%	.70
Faixa 3, a partir de 60 anos	69/121	57%	.73

Tabela: Variação Nós/ A gente de acordo com a faixa etária.

É interesse perceber, que todas as faixas etárias preferiram usar a variante “a gente” apesar de haver um grande crescimento de uso do ‘a gente’ à medida que se está em uma faixa mais jovem. Neste quadro, percentual e peso relativo não estão tão próximos. Levando em consideração apenas o peso relativo, todas as faixas favorecem muito o uso do ‘a gente’, principalmente a faixa 1.

Abaixo os resultados da variação Nós/ A gente de acordo com sexo/ gênero. Esse fator não foi selecionado como relevante pelo programa, mas apresentaremos os resultados assim mesmo.

Varição Nós/ a gente Sexo/gênero	Quantidade	%
Masculino	59/94	63
Feminino	93/125	74

Tabela: variação Nós/ A gente de acordo com sexo/ gênero

Os resultados acima mostram que as mulheres usam mais o ‘a gente’ que é a forma inovadora. Os homens também usam mais o ‘a gente’, no entanto, em índices menores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a análise dos dados concretos retirados das entrevistas, foi interessante percebermos que os fatores sociais influenciaram bastante para o uso de uma das variantes, no caso específico da forma ‘a gente’. Mas o fator linguístico analisado também condicionou este resultado. O que ficou muito claro foi quando sujeito é expresso pelo pronome ‘a gente’ é quase categórico o uso de sujeito pleno.

O resultado mostrou que assim como em outros trabalhos realizados com o PB falado, sobre as variantes “nós” e “a gente”, há uma preferência pelo uso do “a gente”, apesar de, lamentavelmente, a Gramática Tradicional nem mencionar o uso desta variável.

Enfim, o nosso objetivo, neste trabalho, foi verificar as variantes “nós” e “a gente” no português culto feirense em entrevistas. E assim, quais fatores têm condicionado a utilização das diferentes formas.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

CASTILHO, Ataliba. de. *A língua falada no ensino de português*. São Paulo: Contexto, 1998.

CUNHA, A, F, COSTA, E; MARTELOTTA, M.E. Linguística. In: MARTELOTTA, M.(org.) *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2009.

FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro. Ed: Paz e Terra, 1983.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editora. 2008 [1972].

MARCUSCHI, L.A *Da fala para escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Contexto, 1998.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. Editora Ática. São Paulo 2007.

LUCCHESI, Dante. *Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da linguística moderna*. São Paulo: Parábola Editorial. 2004.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola editorial. 2005.

SILVA, Rosa Virgínia Matos. *Caminhos da linguística histórica: ouvir o inaudível*. São Paulo: Parábola Editorial. 2008.

REYZÁBAL, Maria Victoria. *A comunicação oral e sua didática*. São Paulo: EDUFBA, 1999.

MOURA, Jose Sergio A. de. *O ensino da variação linguística em sala de aula*. Alagoas: VI EPEAL: VI Encontro de Pesquisa em Educação em Alagoas. _____